



Foto © João Mariano

# CLOWNS

de Giacomo Scalisi

Teatro Clown

Dossier de apresentação 2019



## PRÓLOGO

### CLOWNS

#### "E se silenciássemos o ruído da máscara?"

Quando Giacomo Scalisi convida três artistas clown para serem a matéria-prima de uma peça de teatro, estava longe de imaginar o quanto ficaria "sem pé" na profundidade oceânica de cada um. A ideia acendeu-se no Rastilho, um espectáculo integrado na programação Lavrar o Mar – as artes no alto da serra e na costa vicentina, composto por uma constelação de artistas, portugueses e estrangeiros, "colhidos" entre Aljezur, Monchique e Odemira. Um território magnético que atrai os que desejam refúgio, beleza natural e um estilo de vida alternativo ao sistémico ritmo citadino.

Por entre os actores, músicos, bailarinos e cantores planavam três clowns com personalidades e sotaques particulares: o espanhol Enano, o português Leo Lobo e o alemão Tosta Mista – O Malabarista. Nomes artísticos de José Torres, Sérgio Augusto e Thorsten Grütjen, respectivamente. A curiosidade apurada do encenador italiano fê-lo olhar para esta coincidência como uma oportunidade única de auscultar o universo íntimo do homem por detrás da máscara de clown. Ele, que nunca simpatizara com palhaços em geral, decide pôr-se à prova. E com esse fôlego dá um passo em frente e desafia Enano, Leo e Tosta Mista a abandonarem tudo o que sabem sobre a sua arte e confiarem nele para crescerem juntos em direcção a um lugar novo. O horizonte seria o encontro com o seu homem-artista numa linguagem performativa estranha ao seu universo. E eles aceitaram.

Após longas horas a desfiarem memórias, desejos, receios, poesias e éticas, o italiano, o português, o espanhol e o alemão chegam a um estado puro e fazem nascer Clowns.



## SINOPSE

Eles são três. Um alemão, um português e um espanhol. Têm em comum a profissão que abraça o paradoxo da vida: clown (ou será palhaço?).

Chegam para uma conferência de malas na mão e certezas em papel. Mas, no palco, tal como na vida, o inesperado espreita e, quando menos esperamos, revolve a verdade subterrânea e deixa as emoções a descoberto. Neste espectáculo, abrem-se malas como alçapões e soltam-se amarras, desejos, memórias e tudo o mais que forma o homem e o seu clown. Afinal, quanto pesa ser o arauto do absurdo? Clowns é uma teia confessional desfiada por estes seres especiais que dão corpo à liberdade de errar e ser frágil. Isso ou uma tragicomédia que surpreende o público e fá-lo cúmplice do íntimo universo emocional de cada homem-clown. Seja o que for, entre a interrogação e a catarse, liberte-se o riso e a existência.



## ENANO

**"Sou palhaço para não estar sozinho com os outros."**



Foto © João Mariano

Nasceu em Espanha como José Torres e renasceu como Enano em Portugal. É um orgulhoso "portunhol" este Macaco Chocolate - o alter-ego do seu palhaço. Veste o espírito luso há mais de duas décadas e é com ele que se apresenta nos grandes festivais de rua pelos cinco continentes. Enano é um apaixonado da rua. Chama-lhe o Teatro da Liberdade. Depois de arrebatat plateias com a loucura espontânea das suas mil e uma personagens, recolhe-se na beleza e no silêncio do seu monte alentejano. Um refúgio em Troviscais, Odemira.

Com a máscara mais pequena do mundo, Enano desembainha a espada do seu palhaço social e desperta a reflexão no público, entre gargalhadas e comoção. Emocionar os outros é um privilégio que agradece à sua arte. E assim continua, junto a eles, sempre em boa companhia.



## LEO LOBO

"Somos todos imigrantes nesta vida, sem manual de instruções."



Foto © João Mariano

Leo Lobo tem ar nórdico, sotaque setubalense, nasceu na Alemanha e é português. Confuso? Cartas e postais explicam a história. À nascença, deram-lhe o apelido de Augusto – Sérgio Modesto Augusto - mas o extravagante e o desastrado típicos deste palhaço não lhe serviam o sonho. Descobre antes em si um palhaço investigador e explorador que encontra o êxtase na beleza da vida. O seu clown navega entre o Circo e a pedagogia e foi nestas águas que chegou a vários portos da sua arte. Na Alemanha, juntou-se a Circos Sociais, como o Cabuwazi, de Berlim, e o Abrax Kadabrax, de Hamburgo, para levar sonhos e risos a crianças necessitadas e jovens refugiados. Comovido e inspirado, regressa a Portugal e funda, em Aljezur, o seu Circus Vagabunt, uma alegre Escola de Circo Social e Educativo que promove a inclusão e a reabilitação entre crianças e adultos. Leo dilui-se na multiculturalidade de Aljezur e é nesta região que encontra o equilíbrio do seu ser palhaço, entre a terra e o horizonte, a permacultura e o mar.



## TOSTA MISTA – O MALABARISTA

"Será que o palhaço é o falhanço da sociedade?"



Foto © João Mariano

Podemos afirmar que o nome Tosta Mista nasce do falhanço da sociedade... portuguesa. A dificuldade em pronunciar "Thorsten Grütjen" deu origem à sua identidade artística. Um fracasso feliz. Como todos os que acontecem na vida de um clown. Tosta Mista é um alemão com alma lusa e um malabarista com alma de clown. Na corrente desta hibridez, desaguou em diversos canais artísticos - cinema, teatro e artes circenses. O seu palhaço é um camaleão de emoções e de personagens, que dispensa o nariz vermelho. Quando não é Carteiro, é um entertainer de Vaudeville ou um icónico bobo da corte. A poesia do seu clown cumpre-se n' "O Grande Embrulho", um espectáculo de Ecologia onde voam sacos de papel. O movimento e o mar inspiram o homem e o artista Tosta Mista. Para ele, foi a região de Aljezur que o escolheu, e não o inverso, e aqui vive inteiro.



## GIACOMO SCALISI



Foto © Materiais Solares

Há 20 anos, Giacomo Scalisi trocou o sol mediterrânico de Itália pelo de Portugal. Por amor à arte e pela arte do amor. Continua por cá e ainda bem. É que este artista de vários rostos – actor, encenador, programador cultural, director artístico e formador – veste a missão de “viciar as pessoas nas artes”, num encontro onde todos entram e têm o seu lugar.

Pluralidade é a bonita palavra de ordem.

É por ela que adora o Novo Circo, a arena onde se misturam as linguagens de Teatro, Dança, Música e Artes Circenses e que foi o seu objecto de programação no Centro Cultural de Belém. É também em Lisboa que celebra, desde 2009, a diversidade das gentes, usando lugares históricos da capital como cenários do Festival “TODOS - Caminhada de Culturas”.

Pode-se dizer que Giacomo gosta de meter as mãos na massa. Literalmente.

Apropria-se da cozinha como um palco multicultural, onde combina arte e gastronomia, e o resultado é sempre delicioso.

Também ele não resistiu aos encantos de Aljezur. Aqui, de mãos dadas com a sua companheira de vida e de trabalho, a coreógrafa Madalena Victorino, entrelaça-se na sua cultura, história e paisagem, usando-as como matérias-primas no projecto *Lavrar o Mar* – as artes no alto da serra e na costa vicentina. “Um privilégio”, diz ele.

**LAVRAR O MAR - As Artes no Alto da Serra e na Costa Vicentina** é um projecto de programação cultural diverso, regular e internacional, que contraria a sazonalidade e desenvolve uma marca para e com o território, numa estreita relação com a população, cultura e património locais. Este projecto conta com o apoio do programa 365 ALGARVE, uma iniciativa das Secretarias de Estado da Cultura e do Turismo, Turismo de Portugal e Região de Turismo do Algarve e é co-financiado por fundos da União Europeia, através do programa operacional Cresce Algarve 2020, bem como da Direcção Geral das Artes e dos Municípios de Aljezur e Monchique.



